

Um poeta proletário*

Santana Marques

No festival folclórico que se aproxima, Bruno de Menezes fará muita falta.

Dos nossos poetas ele foi incontestavelmente o mais autêntico. Quando dizemos autêntico, dizemos exatamente o espontâneo, no melhor sentido da palavra, o indeformado pela vida vertiginosa, que vivemos, trepidamente. E nunca explorou isso.

Era Bruno de Menezes o mais aproximado do povo. Era o que melhor sentia os seus anseios. Conhecêmo-lo, há muitos anos, assim. E não o conhecemos de outra forma. Muita coisa mudou em torno dele; os seus sentimentos, porém, continuaram inalterados. A sua arte persistiu pura, como no princípio. Foi gráfico, e "se distanciou da profissão por inclinações idealísticas". O seu primeiro livro de poemas já denunciava um profundo inconformismo com a vulgaridade. O título resume uma idéia, e o seu próprio destino. Passou a existência pregando ao seu "Crucifixo". Fez, mais tarde, o jornalismo proletário. E se identificou ainda mais com a massa da qual saíra, à qual fora absolutamente fiel por mais de meio século, até o dia em que, de acordo com o seu soneto magistral:

"Do cenário ao cerrar-se o véu da alegoria,
na face exul da Terra, impassível e fria,
cai o pano final das pálpebras fechadas."

Poeta, eternamente poeta, morreu de madrugada como um poeta. De Manaus veio-nos apenas a notícia pungente e um corpo enregelado, do qual se havia envolado um espírito precioso.

Alguém, pensadamente, refletidamente, o comparou a Virgílio, em Tomé-Açu pela sua intimidade perpétua e imanente com a alma poética de sua raça.

"Ele era tão extraordinário quanto Luís Câmara Cascudo" disse outra pessoa, e o disse bem. Faltou-lhe, tão-somente, a consagração em língua estrangeira, que para o Brasil selou e devolveu o vate e escritor nordestino. Numa língua em formação, restrita e pobre, como é a língua portuguesa, escrever é quase ficar inédito, se o poeta não tiver sabido tocar o coração dos quarenta milhões de alfabetos brasileiros.

Felizmente, Bruno de Menezes soube e por isso permanece na alma de seu povo, o qual traduziu e interpretou como ninguém.

Por tudo isso, Bruno de Menezes será o grande ausente da festa folclórica.

Mas o seu nome palpitará nas páginas que ele deixou gravadas na memória dos paraenses. E dessa maneira, jamais será esquecido o nosso poeta proletário, que era Bruno de Menezes, o poeta da gente simples.

* Publicado no jornal "O Liberal", 15 de maio de 1967, p. 4